

## Obras citadas

- Courteau, Joanna. "Ensaio sobre a cegueira: José Saramago ou Padre Antônio Vieira." *Letras de Hoje* 34.4 (1999): 7-13.
- Frier, David. "Righting Wrongs, Re-Writing Meaning and Reclaiming the City in Saramago's *Ensaio sobre a cegueira* and *Todos os Nomes*." *Portuguese Literary and Cultural Studies* (Forthcoming).
- Kunz, Marco. *El final de la novela*. Madrid: Gredos, 1997.
- Pippin, Tina. *Death and Desire: the Rethoric of Gender in the Apocalypse of John*. Louisville: Westminster / John Knox P, 1992.
- Rebelo, Luís de Sousa. "A Jangada de Pedra, ou os possíveis da historia." *A Jangada de Pedra*. De José Saramago. Lisboa: Caminho, 1997.
- Saramago, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Caminho, 1995.
- . "O escritor vidente." Entrevista con Maria Leonor Nunes. *Jornal de Letras, Artes e Ideas* (1995): 15-17.
- . *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.
- Shawcross, John T. "Some Literary Uses of Numerology." *University of Hartford Studies in Literature: a Journal of Interdisciplinary Criticism* 1 (1969): 50-62.
- Thompson, Leonard. *The Book of Revelation: Apocalypse and Empire*. Oxford: Oxford UP, 1990.
- Zamora, Louis Parkinson. *Writing the Apocalypse*. Cambridge: Cambridge UP, 1989.

## MANUEL LARANJEIRA, UN AUTOR DE FIM DE SÉCULO

Maria de Lourdes Pereira  
Universitat de les Illes Balears

No âmbito da Cultura Portuguesa, sempre que nos preocupamos em repensar a modernidade do nosso pensamento e da nossa literatura sentimo-nos impelidos a viajar até à segunda metade do século XIX para encontrar aí os princípios desse caminho de modernidade pelo qual ainda hoje continuamos a trilhar. Esse grupo de homens que se uniram em torno dessa geração a que se deu o nome de 70, encabeçado por Antero, Eça ou Oliveira Martins, soube, como ninguém o fizera até então, repensar e interrogar Portugal e enfocar o problema nacional sob as várias perspectivas possíveis; ninguém como eles lutara por instaurar um processo de regeneração válido e efectivo, o que provocou então uma ruptura definitiva com um mundo antigo, caduco e estático e que em nada se coadunava com uma nova postura ético-social-histórico-filosófica como a destes homens. Nem sempre foram compreendidos e nem sempre o tempo se tornou no seu melhor aliado e hoje há que resgatar das estantes mais altas algumas das figuras mais importantes do pensamento nacional, ou há que reclamar a leitura de uma obra como algo mais que um romance de amores adulteros de burguesinhas.

Manuel de Laranjeira, nascido em Vila da Feira em 1877 no seio de uma modesta família, é um verdadeiro herdeiro da geração de 70, conseguindo, melhor que ninguém, entender e assimilar a angústia e o pessimismo de toda uma geração ameaçada pelas incertezas progressistas, sem que tenha encontrado nas novas filosofias uma saída luminosa e triunfal.

Numa das *Cartas a Unamuno*, Laranjeira confessa-se, de um modo autobiográfico, afirmando que “[e]ju sou um homem que só conversa com plena expansibilidade com meia dúzia de amigos como você—ou comigo mesmo” (74). Vislumbramos um homem reservado com poucos amigos, tímido, mas que sente uma necessidade imperiosa de provocar, de discutir, nem que seja consigo mesmo, e que pode até chegar a parecer rude ou distante, conforme a opinião inicial que causou em Unamuno e que este expõe no prólogo que escreveu para as *Cartas* do seu amigo:

Conheci o Manuel de Laranjeira no Verão de 1908, em que veraneei em Espinho. De início, antes de me relacionar com ele, quando só o conhecia de vista e pelo que dele me diziam,pareceu-me pouco simpático e cheguei a ter dele uma impressão muito afastada da realidade. (9)

Infelizmente, ainda hoje parece que apenas nos limitamos a “conhecer de vista” figuras com a magnitude da de Laranjeira. Unamuno reconheceu atempadamente que essa imagem em nada se coadunava com a realidade e nesse

mesmo prólogo traça-nos um perfil autêntico afirmando que: “Foi Laranjeira quem me ensinou a ver a alma trágica de Portugal [...]. Foi um grande, um muito grande pensador, mas foi talvez um *sentidor* ainda maior” (10). E ninguém melhor que este espírito inquieto e até por vezes contraditório para satisfazer a curiosidade do Professor salmantino, pois grande parte do interesse e carinho que D. Miguel manifestava por Portugal e pela nossa cultura foram alimentados por Laranjeira, bastando apreciar como era este quem lhe dava a resposta às perguntas que formulava, por exemplo, a Pascoaes, mas às quais não parece obter resposta:

Estoy recojiendo materiales para escribir un trabajo que se llamará: “Portugal.” Sus libros de usted me son útiles al efecto. Me interesa sobre todo el tedio portugués, el pesimismo patriótico todo lo que hay debajo de aquel terrible verso de Nobre—Amigos / Que desgraga nacer em Portugal! [...] Quental, el maravilloso Quental, ¿habló alguna vez de la patria? (*Epistolário Ibérico* 65)

Esse livro que está a escrever irá depois chamar-se *Por Tierras de Portugal e España*, constituindo o verdadeiro álbum das imagens captadas por Unamuno sobre o Portugal íntimo que ele conheceu e aquele que os seus amigos lusos o ajudaram a conhecer. Mas será o Médico de Espinho quem melhor reencarnará um tédio português ou o pessimismo patriótico, como consequência de uma ruptura na estruturação orgânica da nação, de uma afirmação de egoísmo em que o interesse individual se sobrepõe ao colectivo, e impedindo o normal funcionamento dessa engrenagem necessária ao progresso e capaz de provocar esse transformacionismo evolucionista bebido em Haeckel ou em Spencer. O diagnóstico que o nosso Médico de Espinho traçará não poderá ser outro que aquele que nos apresenta nesses artigos que intitulou como *Pessimismo Nacional*, publicados em *O Norte* e que vieram à luz pouco antes do regicídio.

É por Laranjeira que Unamuno receberá as *Odes Modernas* de Antero de Quental, mas também é graças ao Médico que aprenderá a compreender Camilo Castelo Branco, um dos pilares dessa verdadeira modernidade que Laranjeira soube assimilar, uma herança romântica evocada por essa “crise de tempestades íntimas,” ou por esses “castelos em ruínas,” que polulam pelas suas cartas e por toda a sua produção literária. Retomando a descrição de Unamuno não podemos deixar de evocar essa imagem do “sentidor” que, alguns anos mais tarde se personificará na imagem de um Álvaro de Campos e no seu frenético lema de “Sentir tudo de todas as maneiras.” Talvez o decadentista Laranjeira atingido por “uma febre criadora” que, recorrendo às suas palavras, “Aproveitei para escrever um drama num acto,” não esteja tão longe desse modernismo em que Pessoa escreve de um jacto o seu *Guardador de Rebanhos*. Contudo, para compreender melhor o quanto este decadentista se aproxima desse modernismo que está prestes a rebentar, teríamos que atentar nessa necessidade que expressa abertamente de se

fazer ouvir em voz alta, de gritar as suas inquietações, que o conduz a uma estrutura sintáctica dinâmica, por vezes frenética, em que abundam as interpelações, as interrogativas retóricas e uma necessidade constante de dramatizar o seu discurso, e interpelando esse interlocutor que ele procura, ainda que muitas vezes seja ele próprio quem assume essa representação. Lendo o seu *Diário Íntimo* deparamo-nos com essa escrita irrequieta, exaltada, que opta pela transcrição do diálogo em detrimento de um discurso indirecto bastante mais monótono, e o que se procura é sobretudo interpelar e tornar vivo o discurso, tal como se o “sentidor” se prestasse à representação do seu drama:

A Augusta também tem as suas horas de desfalecimento e tédio. Hoje—  
seria impressão minha apenas?—falou-me como se fala a um estranho, a  
alguém que nos não comprehende.

Isto amargou-me. Não pude conter-me e disse-lhe: —Augusta, não mates  
este amor. Deixa-o morrer. (115)

Mas a leitura de Laranjeira ficaria irremediavelmente truncada se não nos detivéssemos minimamente nesses versos de “Comigo,” subintitulados “Versos de um solitário.” Ao ler esta composição lírica deparamo-nos com um conjunto de versos de tom decadentista mas igualmente imbuídos de um simbolismo e que seguem esse tom confessional das suas cartas, numa procura constante desse interlocutor com quem conversar, e que tanto nos pode aparecer explicitamente sob títulos como “Aos Amigos” ou “A Uma Romântica,” ou numa “Carta A Ninguém,” ou “Diálogos Com Um Fantasma;” uma procura que se acentua com a constante necessidade de provocar o já referido tom dramático do diálogo e da interpelação e, recordando aquela carta inicial a Unamuno, reconhecemos aí esse interlocutor que se restringe ao círculo de alguns amigos e, quando estes não estão, fala consigo mesmo, desdobra-se e recria-se como interlocutor de si próprio e daí o magnífico exemplo de “Comigo (Diálogo com a minha alma);” o testamento lírico de um Eu atormentado que temos a oportunidade de ir conhecendo através das suas *Cartas* ou do seu *Diário* e, como que corroborando essa ideia de testamento, escutemos Martocq quando afirma que “‘Comigo’ est le tombeau d’un homme tenaillé par le sentiment de l’absurdité d’une existence sans foi et sans amour, dans un monde vide de Dieu” (491).

O que encontramos neste conjunto de poemas é a expressão lírica e profundamente subjectiva de um pensador atormentado pela busca da verdade e sem o consolo de um Deus de quem Nietzsche tinha já proclamado a sua morte, e que terá que reconhecer que “Só se vive de ilusão: / a verdade é venenosa, / envenena o coração” (*Obras* 159). Noutro momento Pessoa chegará a afirmar que “O Poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente” (*Poesias de F.P.* 237). Mas a grande diferença assenta no facto de que o que aqui observamos é que Laranjeira se aferra à tradição moderna

herdeira do romantismo e jamais conseguirá dissociar o Eu gnoseológico do Eu lírico, enquanto que Pessoa, num plano posterior, assumirá essa oposição e partirá do pressuposto de que o seu Eu é o do poeta, esse fingidor que finge para que a vida o não envenene. Laranjeira reconhece já que para viver há que fingir, alimentar a ilusão, no entanto, não conseguirá nunca abstrair-se da realidade, uma realidade que foi alcançada não de um modo empírico mas graças a uma capacidade de sentir e de implicação que viria a ser capaz de afectar definitivamente a estrutura sensível deste Pensador da Modernidade.

Torna-se cada vez mais óbvio que o homem que nós encontramos nas páginas do *Diário Íntimo* é um homem amargurado, abatido pelos momentos de “tédio,” como consequência dessa lucidez, intercalados com poucos momentos de esperança, martirizado pela(s) doença(s) e pela vida, mas um homem que se sincera com os seus amigos e que revela uma vontade de provocar e de lutar pelos seus ideais e sem qualquer desejo de celebridade: “Eu não escrevo para ser aplaudido—não aspiro a homem célebre—escrevo para satisfazer uma necessidade pessoal que é dizer aos outros o que penso da vida e dos homens” (*Cartas* 26). Percorrendo as páginas do seu *Diário* podemos entrever claramente a personalidade de um mesmo espírito progressista, mas sempre atormentado por uma insegurança e insatisfação e que as leituras ávidas de Obermann, Ibsen, Goethe, ou até de Nietzsche e de Kierkegaard e Shakespeare ou do próprio Antero, ou a música de Beethoven, que consumia, em vez de lhe resolverem essa crise existencialista, mais não faziam que aguçar uma consciência de incapacidade para modificar o mundo. Laranjeira é vítima de uma maior capacidade de lucidez relativamente às utopias que tinham conseguido, em parte, iludir a geração de que era herdeiro uma vez que, ao ver como a sociedade se revelava incapaz de as assimilar, já não se sente tão ufanamente seduzido por essas teorias, nomeadamente pelas socialistas, o que o leva a reconhecer que:

Sinto a desolação horrível, trágica de quem já não pode iludir-se com nada e encontra em quanto existe a infinita miséria. E sinto a verdade daquelas palavras que às vezes digo como uma síntese do meu estado de espírito:

Sofro da horrível desgraça do homem que olha para a vida e sente que já não pode ser enganado. (*Diário Íntimo* 143)

Lendo o seu *Diário* apercebemo-nos de como o Médico de Espinho, assume esse sofrimento pátrio como próprio, mas será em *Pessimismo Nacional* que traçará de maneira inequívoca a sua linha de pensamento. Fazendo uso da sua categoria de médico, desenvolve um perfeito diagnóstico da situação crítica a que chegou Portugal, mas nunca crê que a nação esteja afectada por um processo decadente, acreditando piamente que Portugal apresenta um quadro sintomático de uma série de erros do passado mas que, graças a uma forte determinação, poderá

algum dia ser superado. O que Laranjeira procura é questionar, conhecer, para poder depois aplicar a terapia e solucionar o problema.

Tal como Antero e os seus companheiros de 70 Laranjeira reconhece no passado o motivo dessa crise do presente, e aponta como factor básico a influência jesuítica em Portugal, já que graças a ela se enveredou por uma cultura elitista e pouco esclarecida, o que não fazia senão proporcionar o ambiente necessário para alimentar esse espírito messiânico a que o povo português recorria, não só como última esperança, mas, fundamentalmente, como a solução única de todos os problemas e advindo daqui uma situação de inércia. Esta crítica messiânica surge na linha de um Pessoa de *A Mensagem*, embora com diferenças substanciais, posto que o que Pessoa critica não é a fé, a crença, em algo superior (que Pessoa colocava num domínio panteísta), mas sim essa situação de "nada ser nem nada crer," daí que nos incite a acreditar que "É a hora!" (*Poesias de F. P.* 104); a hora de actuar, de, ainda que com a ajuda da fé, construir esse mundo novo. Mas Laranjeira, arrastado por um anti-cristianismo nietzschiano, manifestar-se-á contra qualquer manifestação messiânica, cristã ou panteísta:

Um dos aspectos mais típicos da vida portuguesa e um dos seus males mais funestos é a sua prodigiosa fertilidade messiânica. A cada passo surge um homem que se sente com envergadura e ventre de messias. Por cada messias que aborta, pululam inesgotavelmente centos de messias. E, enquanto a nação rola à aventura de messianismo em messianismo, a sociedade portuguesa, lentamente, infatigavelmente, vai-se dissolvendo e desagregando. (*Pessimismo Nacional* 26-27)

O messianismo, mais que uma força que alimenta o espírito, apresenta-se como uma ameaça, já que desencadeia uma destruição da unidade espiritual do povo português e o conduz a esse estado de desagregação em que se encontra. Por outro lado, nem todos se comportam da mesma maneira e, se uns se deixam arrastar por essa ilusão, por essa inocência, a verdade é que há uma outra parte que mais não faz que explorar essa situação, e de forma impiedosa aponta Laranjeira:

Uma outra parte da sociedade portuguesa, constituída pelas quadrilhas messiânicas, instalava-se parasitariamente no corpo da nação, aproveitando-se da obediência cega, animal, da maioria ignorante, domada e escrava, e ao mesmo tempo da passividade e desleixo dessa minoria inactiva, requintadamente ilustrada e desdenhosa. (*Pessimismo Nacional*

31)

O nosso pensador revela-se dotado de um agudo espírito crítico contra uma burguesia dominadora e exploradora de uma classe menos favorecida e que paga os erros de um passado histórico. Mas esse preço, não será pago exclusivamente por esses pobres explorados, posto que ao constituirem estes a base de uma pirâmide social, esse preço terá que ser suportado por todo um país e por toda uma

cultura doente. Segundo Laranjeira, o problema radica precisamente na falta de uma educação dessa maioria, equacionando a questão da seguinte forma: "Educar é adaptar. E alguém já tentou infrutuosamente educar o povo português? Já alguém demonstrou que o espírito português é refractário à aquisição duma consciência cívica?" (*Pessimismo Nacional* 36).

Será difícil que um país avance se não se decide apostar desinteressadamente na cultura de um país, numa questão básica e essencial como a alfabetização já que, baixo a magistral influência do seu amigo João de Deus, defende que um povo que não sabe ler nem escrever nunca poderá conhecer, pensar nem reagir, mas esse caminho não é fácil, como já Antero nos tinha advertido. Quanto a Laranjeira, ele sabe que esta tarefa, ainda que seja da responsabilidade de toda uma minoria *culta e ilustrada*, é apenas desenvolvida por uma minoria ainda menor, a dos verdadeiros homens de cultura do nosso país. Este panorama, para além de reflectir uma imagem de desunião quanto ao verdadeiro sentimento de pátria, de cultura nacional, provoca um certo desânimo no espírito destes poucos e escassos homens que resolvem empreender um caminho, frequentemente dominado pela utopia. Daqui a um Pessimismo Nacional será apenas um escasso passo, no entanto Laranjeira decide deixar ainda uma porta aberta à esperança e defende que ainda há uma hipótese de regeneração, mas apenas com o esforço e trabalho árduo de todos e, num dos seus arrebatados comentários realistas afirma: "Não nos iludamos. Ou nos salvamos nós, ou ninguém nos salva" (*Pessimismo Nacional* 46). E talvez devido a este extremo estado de lucidez que lhe permite desenvolver o seu acentuado espírito crítico, Laranjeira tornar-se-á num perfeito intérprete do espírito nacional junto de homens tão importantes como Unamuno. Para além de trocar com este livros,<sup>1</sup> trocavam ideias e pontos de vista sempre enriquecedores para ambas as partes, e hoje podemos desfrutar desse entusiasmo que ambos sentiam, um por que alguém lhe explicasse o complexo panorama do espírito português e outro porque encontrava, por fim, uma alma que se interessava por esse ser doente e moribundo e que, contrariamente ao que queria crer, era difícil de curar, diz-nos o médico de Espinho:

Penso em Unamuno e no seu drama íntimo. O grito de fé deste homem faz-me lembrar uma lâmpada que, antes de extinguir-se, despide clarões mais intensos, mais vivos. Como a chama agonizante de uma lâmpada, a fé

<sup>1</sup> Graças a este intercâmbio, Unamuno terá recebido as obras dos autores mais representativos desta época, como Antero, Alexandre Herculano, Oliveira Martins ou Fialho de Almeida, em contrapartida graças a Unamuno, Laranjeira terá conhecido um autor como Ganivet, que tanto fascínio exerceu nele, ao ponto de pedir a um amigo que encontrasse um editor para uma tradução do autor espanhol.

de Unamuno oscila, esvoaça... Querer crer e não pode crer, desejar ter fé e não poder sufocar a dúvida... —eis a tragédia. (*Diário Íntimo* 18)

Como se tratasse de um narrador omnisciente, Laranjeira é capaz de captar um drama que também ele protagonizou até alcançar a fase niilista. Resultado desta empatia que ambos compartiam, Laranjeira pensa *em*, mas também *com* Unamuno daí que, noutro momento, diga que: “Unamuno faz-me falta. Unamuno é uma alma perturbada, um espírito dramático como ele diz *una conciencia turbia*—e, estes conflitos interiores são para mim um espectáculo emocional, raro” (*Diário Íntimo* 19).

Por parte de Unamuno, embora um pouco mais racional, ainda que não menos passional, conheceremos algumas confissões que mais não fazem que confirmarnos a existência de uma dialéctica perfeita entre estes dois excelentes pensadores. No prefácio às *Cartas* de Manuel Laranjeira escreveu o poeta espanhol: “Poucos homens conheci que tenham juntado a uma inteligência tão clara e penetrante um sentimento tão profundo. Nele, como em Antero, a cabeça e o coração travaram renhida batalha” (10).

Infelizmente, alimentando uma vivência decadente e pessimista, apercebemos de como se esvanece essa crença, essa esperança, de que o homem, não tendo necessidade de qualquer tipo de fé, será capaz de salvar essa geração, e, gradualmente, Laranjeira resolverá encarnar esse pessimismo nacional, como que expiando em si a alma de um país. Consequentemente, se em algum momento ainda crê nessa possível salvação, logo escreverá ao seu amigo ibérico que: “Crer!... Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença—na morte libertadora. É horrível, mas é assim” (*Cartas* 119). Com a tristeza de ter que chegar a esta triste conclusão, Laranjeira desiste e encontra no suicídio, a 22 de Fevereiro de 1912, a única solução viável. No entanto, estamos em crer que seria de uma grande injustiça não reconhecer que graças a ele foi possível provocar e consolidar essa imagem de modernidade por que tanto tinham lutado os homens de 70.

No âmbito dessa linha de modernidade que vimos reclamando parece-nos que será justo ressaltar que já no século XIX existiam pensadores que sofriam e que se sacrificavam por colocar Portugal no caminho da modernidade, juntamente com as outras nações, mas apostando sempre nos valores autênticos, na nossa verdadeira força e sinergia interna capaz de criar essa dinâmica que séculos de passadismo tinham conseguido deter. Os homens da geração de 70 trabalharão todos eles em pró da mudança e do progresso, contribuindo cada um ao seu estilo, mas sempre sob um mesmo denominador comum: a arte, porque, como dizia Antero, “A Arte é—a Verdade feita Vida!” (*Obras Completas, Filosofia* 41). E ao seu lado estará a figura do Médico de Espinho, disposto a contribuir com os seus conhecimentos científicos, modernos, e a aplicar o tratamento a esta sociedade que enferma, e

gritando inclusive que custa viver numa sociedade inculta; “mas esse não é o mal irremediável: o mais irremediável é a inépcia, é ninguém ter a compreensão (ou o pressentimento sequer) do que seja—a cultura” (*Epistolário português de Unamuno* 196).

Chegados a este ponto cremos estar perfeitamente legitimados para reclamar que os verdadeiros responsáveis por essa ruptura com a velha e caduca mentalidade portuguesa se encontram agregados a uma época que, atravessando o século XIX nos conduzirá, passando sucessivamente o estandarte, ao século XXI. Não podemos ignorar que estes pensadores activos tiveram que se debater e sacrificar por toda uma série de valores que nós hoje continuamos a reclamar como modernos, como os direitos humanos, o direito à instrução, a uma vida digna, etc.; a esses homens devemos o trabalho de ter aberto a mentalidade de uma nação que, pior que viver encerrada num mundo retrógrado, desconhecia a verdadeira necessidade da liberdade, da instrução, da sanidade, enfim, dos seus direitos, e a pedra angular de todo este processo assentará precisamente em algo tão fundamental como a instrução, a alfabetização do povo. Mas é lógico que nesta época novecentista de transição a tarefa a que se entregavam não podia ser fácil, as *piranhas* que nos dominavam continuavam a defender acerrimamente o seu território mas, para que os tomemos como exemplo, este interventores nunca se acobardaram, bem pelo contrário, viveram e sentiram directamente a realidade. Neste momento em que tão identificados nos sentimos com essa geração de viragem de século, estamos conscientes de que não será descabido tentar encontrar nas suas experiências de vida, nos seus sentimentos, algumas explicações para também nós entendermos a era que nos coube viver. Apesar desse século de distância existem duas gerações de fim de século que, em muitos aspectos, necessitam de alimentar esse diálogo e de continuar por esse caminho já encetado. Sabemos que nem sempre é fácil seguir um caminho como este que aqui tentamos abordar, cheio de paradoxos, de contradições, mas sabemos também que é precisamente sobre esses paradoxos que assentam as bases de um pensamento moderno que nos conduz directamente, já para não nos metermos por outros meandros, desde o romantismo até aos nossos dias (séc. XX / XXI). Quando encontramos um espírito tão contraditório como o de Laranjeira, fruto desse *mal du siècle*, provocado pela doença, pelas preocupações com a família, pela situação política, cultural e social do país, assistimos, no fundo, à criação de um pensamento assaltado pelas grandes dúvidas do Homem, aquilo a que mais tarde viríamos a atribuir a designação de existentialismo, mas que temos já aqui de uma forma mais que embrionária e que de modo algum nos deverá passar desapercebida.

## Bibliografia

- Bento, José. Introdução. *Epistolário Ibérico, Cartas de Unamuno e Pascoaes*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1986.
- Garcia Morejón, Julio. *Unamuno y Portugal*. 2<sup>a</sup> ed. Madrid: Gredos, 1971.
- Laranjeira, Manuel. *Cartas*. Lisboa: Relógio d'Água, 1990.
- . *Diário Íntimo*. Lisboa: Vega, s.d.
- . *Obras de Manuel Laranjeira*. Vol. I. Lisboa: Asa, 1993.
- . *Pessimismo Nacional*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Contraponto, 1985.
- . *Prosas Dispersas*. Lisboa: Relógio d'Água, 1990.
- Marcos de Dios, Angel. *Epistolario Portugués de Unamuno*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1978.
- . *Escrritos de Unamuno Sobre Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1985.
- Martocq, Bernard. *Manuel Laranjeira et son temps (1877-1912)*. Paris: Centre Culturel Portugais, 1985.
- Montoito, Eugénio. *Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século XIX*. Póvoa de Santo Adrião: Europress, 2001.
- Pessoa, Fernando. *Mensagem*. 14<sup>a</sup> ed. Colecção Poesia. Lisboa: Ática, 1987.
- . *Poemas de Alberto Caeiro*. 9<sup>a</sup> ed. Colecção Poesia. Lisboa: Ática, 1987.
- . *Poemas de Álvaro de Campos*. Colecção Poesia. Lisboa: Ática, 1986.
- . *Poesias de Fernando Pessoa*. 12<sup>a</sup> ed. Colecção Poesia. Lisboa: Ática, 1987.
- Quental, Antero de. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Ulmeiro, 1987.
- . *Obras Completas: Cartas*. Vol. II. Ponta Delgada / Lisboa: Universidade dos Açores / Comunicação, 1989.
- . *Odes Modernas*. 4<sup>a</sup> ed. Lisboa: Ulmeiro, 1996.
- . *Prosas da Época de Coimbra*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Sá da Costa, 1982.
- . *Prosas Sócio-Políticas*. Lisboa: I.N.C.M., 1992.
- . *Raios de Extinta Luz*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1985.
- . *Sonetos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.
- . *Tesouro Poético da Minha Infância*. Lisboa: Couto Martins, 1943.
- Seabra Pereira, José Carlos. *Obras de Manuel Laranjeira*. Vol. I. Lisboa: Asa, 1993.
- . “Para uma análise de *Comigo* de Manuel Laranjeira.” *Colóquio Letras* 40 (1977): 41-47.
- . “Posição Literária de Manuel Laranjeira.” *Do Fim-de-século ao tempo de Orfeu*. Coimbra: Almedina, 1979. 41-61.
- Serrão, Joel. “As raízes do tédio em Manuel Laranjeira.” *Temas Oitocentistas II*. Lisboa: Portugália, 1962.

- Silva, Orlando da. *Manuel Laranjeira, 1877-1912, Vivências e Imagens de um  
Época*. Vergada: Gráfica da Vergada, 1992.
- Unamuno, Miguel de. *Obras Selectas*. Madrid: Pleyade, 1946.
- . *Por Tierras de Portugal y de España*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1982.

PRESENCIAS ANGÉLICAS EN “UM MOÇO MUITO BRANCO”  
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA Y “UN SEÑOR MUY VIEJO CON UNAS  
ALAS ENORMES” DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Ignacio Ruiz-Pérez  
University of California, Santa Barbara

### I. Mínima liminar

Al decir de Jorge Luis Borges, en la:

imaginación de los hombres ha figurado tandas de monstruos (tritones hipogrifos, quimeras, serpientes de mar, diablos, dragones, lobizones cíclopes, faunos, basiliscos, semidioses, levianas y otros que son caterva y todos ellos han desaparecido, salvo los ángeles [...] a cualquier poesía por moderna que sea, no le desplace ser nidal de ángeles y resplandeceros con ellos (67).

Desde *La Biblia* a *La divina comedia*, pasando por *Lost Paradise* de John Milton la literatura está poblada por una galería de ángeles que son una verdadera muestra de la vitalidad del motivo:<sup>1</sup> génesis de una expulsión y agente de la anunciaciόn, en el primer caso; antípoda de la Santísima Trinidad, en el segundo (Impotencia Ignorancia y Odio versus Poder, Conocimiento y Amor); y encarnación del pecado que origina una caída interminable, similar al castigo que es en realidad muerte sin fin de Sísifo, en el tercero. Lo que persiste es siempre un motivo de carácter mítico que se torna imagen, alegoría y hasta metáfora de la condición humana: elevación o caída.

El presente estudio se concentra en el motivo del ángel en un par de cuentos “Um moço muito branco” de João Guimarães Rosa y “Un señor muy viejo con unas alas enormes” de Gabriel García Márquez. Este acercamiento comparativo podría entrañar ya el problema y la trampa de aproximar dos series culturales

1 Entiendo aquí la palabra “motivo” tal como se ha utilizado en el estudio del folklórico o detalle recurrente en distintas series culturales. Sin embargo, es necesario no confundir la palabra “motivo” en crítica literaria aparece asociada a otro concepto, el de tema. Para Oswald Ducrot y Tzvetan Todorov este último término designa una “categoría semántica que puede estar a lo largo del texto o aun en el conjunto de la literatura (‘el tema de la muerte’); motivo y tema se distinguen, pues, ante todo por su grado de abstracción—por consiguiente, por su capacidad de denotación” (257). La repetición de un motivo—objeto—en una serie cultural puede dar lugar a un tema; la rosa como motivo estético, aparece ligada a dos temas: el *collige, virgo, rosas* ausoniano y el *carpe diem* horaciano. El cambio, la aparición frecuente de un motivo en un relato puede dar lugar a un *leit motiv* de manera similar a lo que ocurre en música (Beristáin 350).